

POSTERS:
PAULINHO, DO
CORINTHIANS, E
JORGINHO,
DO FLU

O NOVO PALMEIRAS VAI À LUTA



PLACAR

N.º 921 29/JANEIRO/1988 Cz\$ 100,00

DARÍO PEREYRA

A HISTÓRIA DE UM VENCEDOR

**GUIA DO
CAMPEONATO
CARIOCA**

**EXTRA
SUPERTABELA
DA TAÇA
GUANABARA**

TAÇA GUANABARA 1988

1.º - CORINTHIANS Corinthians 10 Flamengo 9 Botafogo 8 Vasco 7 Fluminense 6 Paraná 5 Cruzeiro 4 Grêmio 3 Internacional 2 Santos 1	2.º - PALMEIRAS Palmeiras 10 Corinthians 9 Flamengo 8 Botafogo 7 Vasco 6 Fluminense 5 Paraná 4 Cruzeiro 3 Grêmio 2 Internacional 1	3.º - FLAMENGO Flamengo 10 Corinthians 9 Palmeiras 8 Botafogo 7 Vasco 6 Fluminense 5 Paraná 4 Cruzeiro 3 Grêmio 2 Internacional 1	4.º - BOTAFOGO Botafogo 10 Corinthians 9 Palmeiras 8 Flamengo 7 Vasco 6 Fluminense 5 Paraná 4 Cruzeiro 3 Grêmio 2 Internacional 1	5.º - VASCO Vasco 10 Corinthians 9 Palmeiras 8 Flamengo 7 Botafogo 6 Fluminense 5 Paraná 4 Cruzeiro 3 Grêmio 2 Internacional 1	6.º - FLUMINENSE Fluminense 10 Corinthians 9 Palmeiras 8 Flamengo 7 Botafogo 6 Vasco 5 Paraná 4 Cruzeiro 3 Grêmio 2 Internacional 1	7.º - PARANÁ Paraná 10 Corinthians 9 Palmeiras 8 Flamengo 7 Botafogo 6 Fluminense 5 Vasco 4 Cruzeiro 3 Grêmio 2 Internacional 1	8.º - CRUZEIRO Cruzeiro 10 Corinthians 9 Palmeiras 8 Flamengo 7 Botafogo 6 Fluminense 5 Paraná 4 Vasco 3 Grêmio 2 Internacional 1	9.º - GRÊMIO Grêmio 10 Corinthians 9 Palmeiras 8 Flamengo 7 Botafogo 6 Fluminense 5 Paraná 4 Cruzeiro 3 Vasco 2 Internacional 1	10.º - INTERNACIONAL Internacional 10 Corinthians 9 Palmeiras 8 Flamengo 7 Botafogo 6 Fluminense 5 Paraná 4 Cruzeiro 3 Grêmio 2 Vasco 1
--	---	--	--	---	--	--	--	--	--

PLACAR



PERFIL

DARÍO PEREYRA

DESTINO DE VENCEDOR

O guerreiro uruguaio consolida, em dez anos de São Paulo, uma carreira na qual as vitórias deixam de ser contingências do jogo: contam a história de uma vida

Por ARI BORGES





Alfonso Dário Pereyra
Bueno, 31 anos: um
ídolo até entre os
companheiros de clube

DARÍO PEREYRA

No juvenil, bebia 4 litros de leite por dia

Darío Pereyra tinha 12 anos, sardas e o orgulho de ser o melhor aluno de matemática do colégio Lomas Antoni, de Sauce, quando experimentou pela primeira vez a sensação de ser campeão. Aquele distante título metropolitano de garoto, pelo pequeno Oriental, de Montevidéu, mudaria sua vida para sempre. Foi ali que o Uruguai começou a perder um economista. O futebol, porém, seria enriquecido pela fascinante trajetória de um jogador cuja essência resume-se em uma palavra: vencedor.

LIÇÕES DE DEDICAÇÃO — A torcida do São Paulo, brindada com dez anos de Darío Pereyra, que o diga. Além de títulos — foram dois Campeonatos Brasileiros (1977 e 1986) e quatro Paulistas (1980, 1981, 1985 e 1987) —, Darío tem oferecido uma



Garra com qualquer camisa

das maiores lições de dedicação e profissionalismo que o Morumbi já conheceu. “Quando ele fala nas reuniões do grupo, todo o mundo fica quietinho”, testemunha Zé Teodoro. “A gente sabe que sempre vai aprender alguma coisa.” É mais que experiência, julga o lateral. “Ele é um exemplo de atleta e de homem, uma espécie de modelo que todos gostariam de ser.”

Muito dessa quase idolatria se deve à singular personalidade do uruguaio. Para

começar, sua biografia nada tem a ver com a média do jogador brasileiro. O pai, “Don” Alfonso, um *peñarolista* doente, tinha um bom emprego no Frigorífico Nacional. Darío, portanto, não viveu uma infância de necessidades e miséria. Embora nascido no Mercado Modelo, o bairro de Montevidéu que abriga o Estádio Centenário, antes de completar 1 ano já estava em Sauce, a 30 km da capital. Com Mirian, sua única irmã, cresceu entre parreiras, plantações, animais e, sobretudo, muito espaço. Corria o tempo todo. “Desde que me conheço por gente”, descobriu Darío, “levo uma vida de atleta.”

Das correrias no sítio do pai pulou, na idade escolar, para o atletismo. Fez de tudo. Começou no salto em altura, passou para as corridas de 100, 200 e 400 m, e acabou destacando-se no arremesso de peso. Até hoje guarda uma medalha de bronze da modalidade, ganha aos 13 anos. Já tinha, contudo, traçado seu destino com a bola. Por isso, os empregos de tratorista e montador de vassouras, exercidos

no período das férias, iam sendo encarados mais como divertimento remunerado. “A ambição não era apenas ser jogador”, decidiu Darío, “mas um grande jogador.”

Com essa idéia na cabeça, deixava Sauce bem cedo, esalfando-se nos treinamentos do Oriental. Voltava de Montevidéu tão extenuado que a cabeça estava invariavelmente doendo: dormia nos ônibus, veteranos Leyland ingleses da década de 40. “Chacoalhavam tanto que eu ficava cheio de galos”, recorda sem saudade. “Sentia as pancadas, mas não acordava.”

Logo veio a recompensa do esforço. O título do Metropolitano valeu ao Oriental a participação na Cruzada Rioplatense, um torneio contra equipes argentinas. “Jamais esqueci a viagem até Buenos Aires”, conta com olhos adolescentes. “Fomos de navio. Eu me lembro das luzes de Montevidéu diminuindo, depois piscando até sumir.” A experiência marcou-o de tal maneira que, em dezembro passado, refez o passeio com a mulher Elenita. “Foi uma emoção igual”, compara. “A única diferença é que, agora, fui de primeira classe.”

GARFO RESPEITÁVEL — Aos poucos, o Oriental ficava pequeno demais para Darío e, aos 15 anos, ele era o médio-volante do juvenil do Nacional. Sagrou-se campeão nas três categorias amadoras que disputou. Aos 17, convocado para a Seleção Uruguaia Juvenil, ganhou o Sul-Americano de 1974, invicto. No ano seguinte, assinava seu primeiro contrato profissional. “Tudo sempre aconteceu muito rápido comigo”, percebe Darío. “E isso me estimulava cada vez mais.”

Por estímulo entenda-se abnegação e trabalho. “Eu sabia que minha grande virtude era meu físico”, recorda. “Assim, me matava nos treinos e procurava me apri-



Pela Celeste, contra o Brasil, no Maracanã: tititi com Rivelino e um quebra-pau inesquecível

FERNANDO PIMENTEL



Um craque adorado por são-paulinos de qualquer idade: o carinho é retribuído com títulos

morar tecnicamente." Renunciou ao gosto pelos bailes, aos namoros, às bebidas e a tudo que pudesse prejudicar seu corpo. A vida espartana transformou-o num garfo respeitável. Ainda hoje é assim. Come muito, e bem. Fala com orgulho de um título obtido aos 16 anos: campeão de tomar leite entre os juvenis do Nacional. "Eram 4 litros por dia, marca invejável para qualquer bezerro", diverte-se.

Foi em 1976, quando já era amado pela *hincha*, que Darío vestiu pela primeira vez a camisa da Celeste, convocado para a Copa

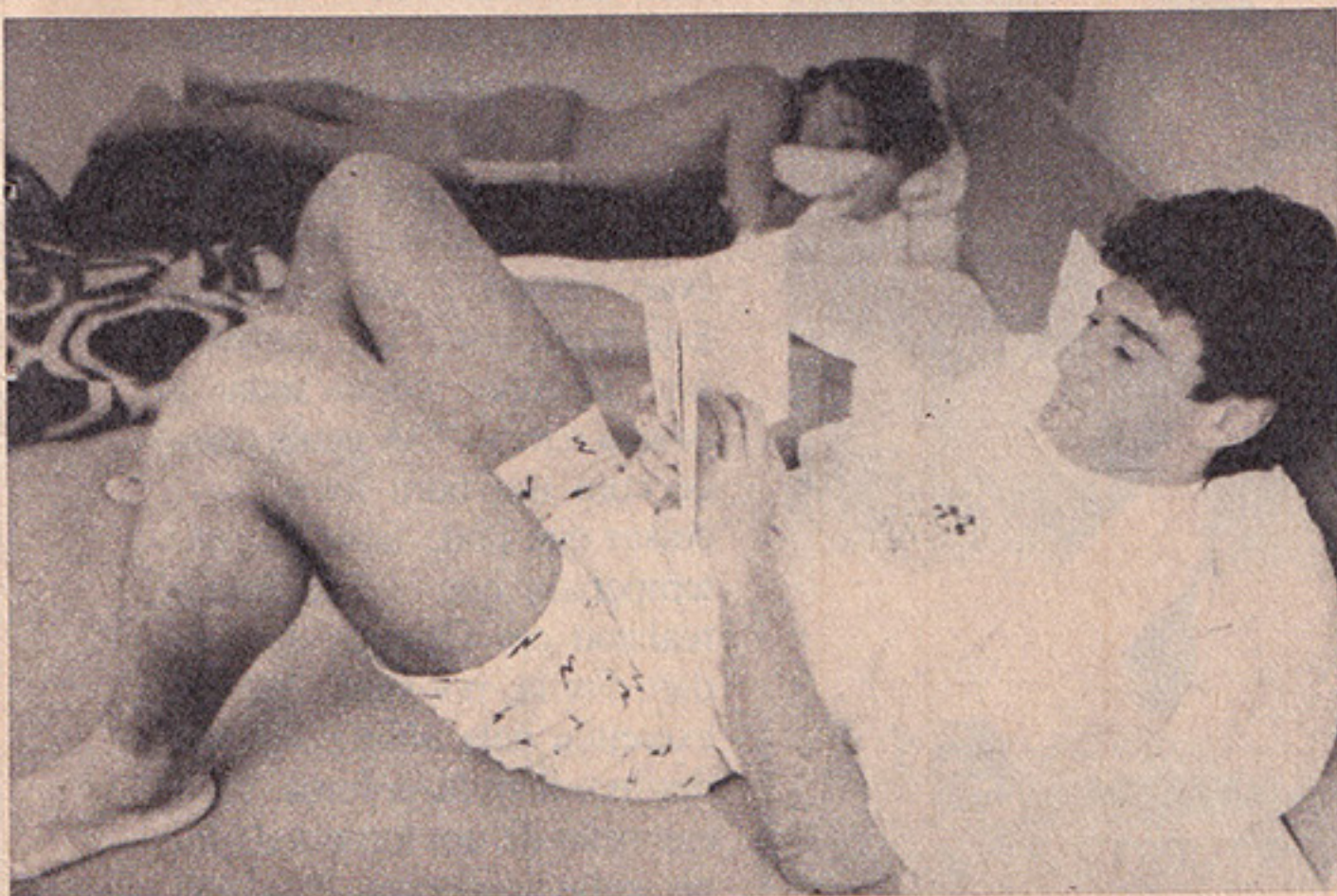
América. Em um ano e meio disputou 32 partidas, incluindo as fracassadas eliminatórias para a Copa de 1978, na Argentina. Entre as lembranças daquele tempo, está o jogo contra o Brasil, pela Copa do Atlântico, no Maracanã. Mais que a derrota (2 x 1), ele não esquece a briga originada na hilariante perseguição que o lateral Ramírez fez a Rivelino. "Só que ele teve a grande idéia de correr para o lado do banco brasileiro", lamenta. "O resto do time foi atrás e levamos o maior pau da história. Até os fotógrafos batiam na gente com as câmaras."

Mesmo com muitos hematomas, Darío e seus companheiros foram recebidos como heróis na volta. "Em meu país, é melhor apanhar do que fugir", alfineta.

DEZ PROCURADORES — A Seleção Uruguaia certamente teria mais generosas demonstrações de garra se, em 1977, o São Paulo não fosse buscar Darío para substituir seu caudilho Pedro Rocha. (Ele só voltou à Celeste em 1985, nas Eliminatórias da Copa do México.) Cinco meses depois, para variar, o guerreiro vestia a faixa de campeão brasileiro. Desde então, primeiro no meio-campo, depois na quarta-zaga, ele deixa o tricolor parecendo inacabado e despersonalizado quando não está em campo.

Nem mesmo uma fase negra vivida em 1978, quando não chegou a fazer trinta jogos, perseguido por uma série de contusões misteriosas, arranhou sua importância para o clube. Intellectualmente bem preparado, Darío Pereyra tem noção de seu valor e briga sem tréguas pelo que acha justo e honesto. "Prefiro falar com dez procuradores do que com o Darío", confessa o presidente Carlos Miguei Aidar.

Essa capacidade de argu-



FOTOS SÉRGIO BEREZOVSKY

Na concentração: descobrindo prazer na leitura

A FICHA DO ÍDOLO

Nome: Alfonso Darío Pereyra
Bueno
Data de Nascimento: 19/10/1956
Local: Montevideu (Uruguai)
Peso: 79 kg
Altura: 1,80 m
Clube e ídolo de infância:
Peñarol e Pedro Rocha
Perfume: Open
Pasta de dente: Kolynos
Sabonete: Lux
Xampu: Davene
Roupa: Esporte fino
Comida: Paella
Bebida: Leite
Sobremesa: Pavê
Restaurante: L'Arnaque
(São Paulo)
Carro: Escort XR3
Hobby: Leitura
Filme: Johnny Vai à Guerra
Teatro: Morte Acidental de um
Anarquista
Livro: Bíblia
Gênero musical: Romântico
Cantor: Julio Iglesias
Cantora: Diana Ross
Programa de TV: Jornal Nacional
Ator: Antônio Fagundes
Atriz: Fernanda Montenegro
Comediante: Jô Soares
Modelo mais bonita: Luíza Brunet
Animal de estimação: "Todos os
animais são para se estimar"
Programa esportivo: Globo
Esporte
Melhor narrador: Osmar Santos
Melhor comentarista: Orlando
Duarte
Jogo inesquecível: Guarani 3 x
São Paulo 3, Campinas, final da
Taça de Ouro de 1986
Gol inesquecível: Contra o
Fluminense, Copa União de 1987,
no Morumbi, de cabeça
Melhor juiz: Dulcídio Wanderley
Boschilia
Pior juiz: Vários
Melhor técnico: Vários
Melhor gramado: No Brasil, Serra
Dourada; no exterior,
Parc des Princes (Paris)
Melhor amigo no futebol: "São
tantos que não caberiam aqui"
Melhor investimento: Imóveis
Se não fosse jogador, o que
seria: Economista
Endereço para correspondência:
São Paulo Futebol Clube
Pça. Roberto G. Pedrosa,
s/n.º, Morumbi, CEP 05653,
São Paulo, SP



SERGIO BEREZOVSKY

Montando com elegância um puro-sangue árabe: o amor aos cavalos vem desde a infância em Sauce, no interior do Uruguai

DARÍO PEREYRA

"A bola consome os melhores anos de um homem"

mentação, aliada a seu exuberante talento, tornou Darío um homem financeiramente independente. "Mas eu sou exceção", diz, consciente. "Se você revirar toda a história do futebol brasileiro, não vai encontrar nem cem jogadores em condições de levar uma vida de classe média alta."

É sintonizado com o mundo desde a adolescência, quando acompanhou, horrorizado, a ditadura militar que se instalou por doze anos no Uruguai. "As pessoas eram perseguidas não por ser contra, mas apenas por pensarem diferente."



NELSON COELHO

No tricolor: um exemplo de dedicação e profissionalismo

Darío Pereyra gostaria de ver sua profissão mais respeitada. "Afim, ela consome os anos mais produtivos do homem", argumenta. "E a maioria não consegue se preparar para o que vem depois."

CAVALOS E LIVROS — Um risco que ele, prestes a completar 32 anos e ganhar passe livre, não corre. Sem pressa, Darío não adianta seus planos. "Só sei que ainda vou jogar um bom tempo", desconversa. Enquanto isso, vai curtindo seus prazeres, como andar a cavalo e ler — "A gente cresce com um bom livro" —, coisas que pôde fazer na pré-temporada que o São Paulo realizou em Campos do Jordão. Foi lá, por sinal, que ele exercitou pela última vez seu destino. Sem fazer força, foi o campeão de um torneio de tênis entre o elenco. Para não perder o pique. □

fere trabalhar sozinho. "E também o salário dele é muito alto para trabalhar nas divisões inferiores", argumenta Matheus. Basílio ganhava 65 000 cruzados.

QUINTA 21

PATROCÍNIO OLÍMPICO — O Banco do Brasil, que há três anos apóia a Seleção Brasileira de basquete, decide patrocinar toda a delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Seul. Os custos não foram revelados, mas a Seed — Secretaria de Educação Física e Desportos — calcula

que o valor não será inferior a 500 milhões de cruzados.

JOSIMAR NA ESCÓCIA — O Dundee United, da Escócia, inicia entendimentos com o Botafogo para a compra do lateral-direito Josimar. O clube carioca pede 700 000 dólares para negociá-lo.

CND APÓIA O FLA — O presidente do CND, Manoel Tubino, concorda com o Flamengo, que se recusa a fazer o cruzamento entre os Módulos Verde e Amarelo. Tubino disse que o clube não corre risco de punição. A decisão do Conselho Arbitral, que descartou o cruzamento, é soberana.



Orioli, campeão nas motos

SEXTA 22

FIM DO RALI DA MORTE — Os finlandeses Juha Kankkunen e Juha Piironen, pilotando

um Peagot 205, vencem o 10.º rali Paris — Dacar. Entre as motos, o campeão foi o italiano Eddy Orioli, com uma Honda. A morte, quinta-feira, de uma mulher mauritana e seu filho — atropelados por uma equipe de cinegrafistas — aumentou para seis o número de vítimas fatais deste rali. No total, são 24 desde sua criação. O Vaticano, o grupo liberal do Parlamento Europeu e os governos da Argélia, Mali e Senegal criticaram a competição, que rendeu 8 milhões de dólares (640 milhões de cruzados) a seus organizadores.

A VISTORIA DOS SENHORES DA FIFA

Elegantes e simpáticos, mas extremamente reservados em suas declarações. Foi assim que os cinco membros da FIFA encarregados da vistoria nos treze estádios brasileiros, indicados para os jogos da Copa do Mundo de 1994, realizaram seu trabalho em seis dias de intensa movimentação pelo país.

O grupo, comandado pelo alemão-ocidental Horst Schmidt, e completado pelos suíços Guido Gognoni e Walter Gagg, pelo espanhol Augustin Dominguez e pelo escocês Ernie Walker, deu a entender que o Brasil tem possibilidades de sediar a Copa, embora "muita coisa ainda deva ser feita".

Os grandes problemas detectados já eram conhecidos: falta de conforto e visibilidade para os torcedores, precárias condições para a imprensa (a FIFA exige uma sala de entrevistas para 250 jornalistas, tribuna para quinhentos e cabines para cinquenta emissoras de televisão), falta de estrutura para comunicações, restaurantes,



CESAR LOUREIRO/O GLOBO

No Maracanã (ao lado), no Morumbi (abaixo, à esq.) ou na Fonte Nova (abaixo): os encarregados de observar os treze estádios do país indicados para a Copa de 1994 detectaram os mesmos problemas



SILVIO PORTO



CARLOS CATELA

bares e lugares numerados. Só um estádio arrancou elogios: o Beira-Rio, do Internacional, em Porto Alegre. Além dele, foram visitados Maracanã, Mineirão, Serra Dourada, Mané Garrincha, Pinheirão,

Olímpico, Morumbi, Fonte Nova, Arrudão, João Castelo e os dois Castelões (de Natal e Fortaleza). O grupo gastou no país cerca de 4 milhões de cruzados, que serão pagos pela CBF. De 21 a 25 de fevereiro, o

grupo vai vistoriar o Marrocos. Os estádios dos EUA serão observados de 10 a 18 de abril. Enfim, a 30 de junho, na sede da FIFA, em Zurique, Suíça, se conhecerá o país escolhido.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ